



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
L 1580 A - 2



Um aspecto da Homenagem. O Dr. Jorge Correia com um brilhante improviso encerra a sessão

FOI BRILHANTE A MANIFESTAÇÃO

PRESTADA AO PROF. DR. SILVA CARVALHO Na inauguração do seu Monumento

AMOR com amor se paga — é ditado já muito antigo mas que encerra um grande significado. Tavira recebeu amor, carinho, benemerência, de um dos maiores mecenas que conheceu — Tavira pagou com a mesma moeda esse mesmo amor, esse mesmo carinho, prestando uma significativa e justíssima homenagem ao filho ilustre e de carácter magnânimo, que foi o Professor Doutor Silva Carvalho. Queríamos dizer mais deste grande Homem, mas as nossas modestas linhas calam-se para dar lugar aos preciosos panegíricos que foram traçados nas anunciadas cerimónias do descerramento do expressivo busto erecto na Praça Zacarias Guerreiro, junto à Misericórdia de Tavira — a instituição para que Silva Carvalho mais viveu os olhos, para assim, dar de alma e coração o seu precioso altruismo ao povo tavi-rensense, acto aquele a que se seguiu a tomada de posse da nova Mesa da Santa Casa.

MORREU O ACTOR RAFAEL DE OLIVEIRA

Há dias fomos surpreendidos com a notícia do falecimento do actor Rafael de Oliveira, que morreu no seu posto, no seu Teatro Desmontável, depois de ter dirigido a representação da comédia «Os Moços e os Velhos», na Venda Nova — Amadora.

Há 52 anos que andava em peregrinação artística pelo País, tendo também estado nesta cidade, onde conquistou inúmeras simpatias bem como toda a Companhia, de que era director.

Cerca de 4 meses esteve o seu teatro instalado junto do Mercado Municipal, onde deu grande número de representações e partiu deixando em muitos dos seus admiradores profundas saudades.

Foi com bastante mágoa que recebemos a desagradável notícia. Rafael de Oliveira que contava 74 anos, deixa viúva a artista sr.ª D. Ema da Silva Vale Oliveira e era pai do actor Fernando de Oliveira e cunhado da artista Geny Frias e do actor Carlos Frias e tio dos artistas Lisette Frias, Fernando Frias e Tony de Matos.

A família enlutada endereçamos sentidos pêsames.



O sr. José Emídio Fernandes Sotero, Provedor cessante da Misericórdia e alma de toda aquela manifestação, abre a série de discursos

O PARQUE MUNICIPAL

«Toda a Carta tem resposta»

Pretende o nosso prezado amigo sr. eng. Agrónomo Oscar Reis Cunha, espírito dinâmico, inteligente e culto, que alguém lhe saque a curiosidade sobre as razões porque desapareceu do convívio da gente tavirensense o Parque Municipal.

A resposta que à primeira vista parece simples, torna-se complicada.

O Parque Municipal modesto (Continua na 2.ª página)

REPORTAGEM DE COUTO ALVES



O menino Gonçalo Maria, bisneto do homenageado, descerrou o busto

único objectivo: emprestar calor, emprestar brilho, emprestar solenidade à homenagem ao eminente e benemérito prof. dr. Silva Carvalho, que decorreria meia hora depois, e cuja iniciativa partira da benéfica e agradecida Misericórdia de Tavira.

(Continua na 4.ª página)

IN MEMORIAM

ao Professor Doutor Silva Carvalho

TAVIRA VEIO AQUI AGRADECIDA,
PRESTAR-LHA HOMENAGEM NESTA HORA
A UM DITOSO FILHO QUE NA VIDA
FOI O CLARAO BRILHANTE DE UMA AURORA.

NUNCA ESQUECFU A SUA TERRA QUERIDA
E NA ASCENSÃO GLORIOSA, VIDA FORA,
JAMAIS SEU CORAÇÃO NEGOU GUARIDA
QUANDO A MÁ SORTE AOS TRISTES APAVORA.

E POR ISSO AQUI VIMOS NESTE DIA
NA MAIS BELA E SUBLIME ROMARIA
INSPIRADOS PELA VOZ DO SENTIMENTO,

QUE IRA' DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO
PERPECTUAR A NOSSA GRATIDÃO
NO BRONZE DESTA AUGUSTO MONUMENTO.

Tavira, 10 de Janeiro de 1965

VIRGINIO PIRES

APONTAMENTOS PARA MEMÓRIAS

O PRIMEIRO C. I. S. M. DE TAVIRA

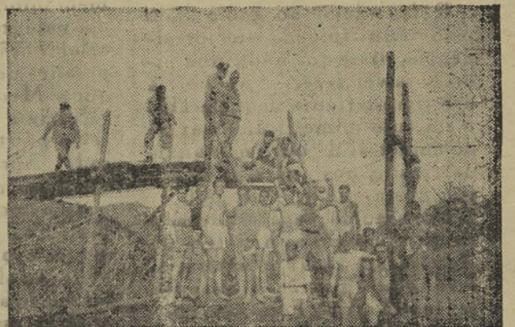
O sr. Major Carreira da Silva teve a gentileza de convidar-me, há dias, para uma agradável reunião da Família Militar de Tavira e de fazer uma referência especial à minha pessoa, por ter sido eu o director do primeiro Centro autónomo de Tavira, o qual funcionou de Outubro de 1940 a Março de 1941. Não quis então maçar os convidados com as minhas recordações e, se maçar agora os leitores do POVO ALGARVIO, é com a cumplicidade do seu Director.

Em 1940 o Reg.º de Infantaria 4 foi mudado de Tavira para Lagos, e Tavira interrompeu a sua antiga tradição de sede duma unidade militar, tradição que a equiparava a Elvas e a Chaves como terra em que o serviço da tropa se impunha aos hábitos da população. Foram criados por essa altura dois Centros de Instrução de Sargentos Milicianos um em Tavira, para os recrutas da Região Militar de Évora e do Governo Militar de Lisboa, e outro em Penafiel, para os restantes. Os Centros deviam funcionar apenas alguns meses e não tinham quadro permanente de instru-

tores. O Director, os oficiais e os sargentos eram nomeados em cada ano para servir em diligência, regressando às suas Unidades depois do período de instrução.

Do pessoal que prestou serviço no primeiro C. I. S. M. de Tavira o único que pediu a nomeação fui eu, que no ano anterior fora promovido a ma-

(Continua na 3.ª página)



Construção duma ponte pelos alunos do C. I. S. M. de 1940/41

ONDE ESTÁS QUE NÃO TE VEJO!

AINDA não há muito tempo que a mocidade soviética, (?) se manifestou pela maneira como no nosso país se haviam tratado alguns estudantes que haviam sido menos civilizados, tendo então feito arruaças e outras acções de não saduda memória. Poderia parecer a quem tivesse tomado conhecimento do telegrama, então enviado a um nosso Ministro, que naquele país, a mocidade era livre, sabedora do que desejava e que vivia sem peias. Isto é claro poderia parecer às pessoas que não tivessem lido nada sobre o país das «estepes»; porém, a quem já tem lido várias obras, isso não enganou. E vem isto a propósito duma notícia agora publicada, nos matutinos, e que dizia: — «Uma revista da U. R. S. S., acusa a juventude soviética. Paris, 17 - Os rapazes e as raparigas soviéticas talam demasiado e, muitas vezes, desparatadamente, escreve a Kom-somolskaya Pravda. O artigo, indignado, que o jornal da mocidade comunista dedica ao estado de espírito da nova gera-

FOR José Rebelo

S. T.

O desastre ferroviário do «Rápido» do Algarve

A imprensa diária tem-se referido detalhadamente ao horroroso acidente com o «Rápido» do Algarve, ao colher um automóvel que era conduzido pelo sr. João Filipe de Mendonça, natural de Olhão.

Morto ao volante, o sr. Mendonça, de 64 anos de idade, casado, era muito popular nesta província algarvia, onde era proprietário de salinas.

Lamentamos a ocorrência, enviando pêsames à família enlutada

Prof. Dr. Silva Carvalho

(Continuação da 4.ª página)

dico hidrologista, que acabou por se lamentar não poder dizer mais do que foi dito nas brilhantes palestras ouvidas, «pelo que — disse — receava embacear a cor de tão luzida sessão». No entanto, evocou a amizade que o homenageado lhe dispensara e limitou-se a agradecer ao presidente da Câmara, à representante da illustre família de Silva Carvalho, às individualidades presentes e restante povo, pelo significado da homenagem prestada ao insigne taviense.

Após as breves palavras plenas de emoção do sr. dr. Ascenção Contreiras, falou o digníssimo presidente da Câmara Municipal de Tavira, sr. dr. Jorge Correia, que começou por dizer textualmente: «Neste jardim maravilhoso, tendo por fundo aquela casa que com o seu calor há-de aquecer aquele busto — referindo-se respectivamente à Misericórdia e ao busto de Silva Carvalho — veio Tavira homenagear um seu filho ilustre. É grande a emoção, é grande a alegria dos tavienses por verem saldada a dívida contraída ao dr. Augusto da Silva Carvalho.

Referindo-se ao apoio dado pelo município da sua presidência, disse que não tinha sido possível fazer-se melhor à prestigiosa figura daquele Homem cujo nome ficará marcado em letras de ouro nos anais da cidade, nos anais da Ciência, nos anais de Portugal.

Em seguida, reportando-se a de quem partiu a iniciativa da efectivação de tal homenagem, disse que o provedor cessante, sr. José Emídio Fernandes Sotero, tinha sido a mola real do transcendente acto a que Tavira assistia. Recordou o sr. dr. Jorge Correia a dificuldade que se tinha deparado há seis anos para encontrar um provedor à altura do prestígio da Santa Casa da Misericórdia, dificuldade que foi resolvida ao lembrar-se do sr. José Emídio Sotero, porque alimentou esperanças e durante o exercício do seu cargo estas esperanças se converteram em acção, numa acção que se pode considerar a todos os títulos notável, numa acção que se orgulhava de homenagear publicamente, como presidente da Câmara.

Depois, teve palavras altamente elogiosas e de gratidão para com o nável mas já distinto escultor José Manuel da Costa Maurício para quem pediu à assistência uma salva de palmas no que foi correspondido calorosamente.

Referindo-se ao autor da poesia por ele mesmo pouco antes recitada, o presidente do município agradeceu também ao nosso director, pelos seus expressivos versos que disse: «são autênticas pétalas derramadas sobre o monumento do grande taviense que foi Silva Carvalho».

A seguir teve também palavras de apreço e consideração para com a nova comissão administrativa, que iria ser empossada momentos depois e que é presidida pelo sr. eng. José Francisco Pereira da Assunção, que generosamente aceitou o encargo de presidir aos destinos da prestigiosa instituição que é a primeira casa de caridade de Tavira.

A terminar e referindo-se à família de Silva Carvalho ali representada pela sr.ª D. Maria do Carmo Beires Junqueira, teve palavras de carinho para o menino Gonçalo Maria, que antes descerrara o monumento do seu tio-bisavô.

No final das suas palavras que foram muito aplaudidas, o sr. dr. Jorge Correia osculou o miúdo, acto que emocionadamente foi presenciado.

Finda a cerimónia na Praça Zacarias Guerreiro, as individualidades presentes dirigiram-se para o Hospital, onde

na sala dr. Augusto da Silva Carvalho, se assistiu à cerimónia da posse da nova Mesa administrativa daquela filantrópica instituição.

Usou primeiramente da palavra o sr. José Emídio Fernandes Sotero, provedor cessante, que agradeceu toda a colaboração recebida durante o seu mandato, nomeadamente por parte do corpo clínico, não se esquecendo do denodado e distinto médico dr. Gonçalo Pessanha, a quem fez votos de rápidos melhoras, dos seus colegas de direcção, srs. Manuel Lapa, Faustino Gonçalves e José António de Jesus, enfim, de todas as individualidades que lhe tornaram menos árdua a sua tarefa ora finda.

A cerimónia de posse da nova direcção foi dada pelo presidente da assembleia geral, sr. dr. José Raimundo Ramos Passos, da qual fazem parte além do presidente, sr. eng. José Francisco Pereira da Assunção, os srs. João Pádua Cruz, Abílio Costa Encarnação e Manuel Domingues Barqueira. O empossado, possuidor de raras qualidades de homem público, usou em seguida da palavra, oferecendo a sua colaboração e alimentou a esperança de que faria tudo para que a Misericórdia que ia agora dirigir continuasse a merecer o prestígio até aqui alcançado. Aproveitou o ensejo de prometer que faria o possível para remodelar as termas da Fontinha da Atalaia. Finalmente o presidente da assembleia geral proferiu breves palavras de agradecimento e saudação, respectivamente à cessante e nova direcção, terminando as imponentes cerimónias que os tavienses tiveram oportunidade de assistir, pagando com amor e carinho, o amor e carinho que Silva Carvalho sempre lhes dedicou.

Falou também o sr. Dr. Mário Lyster Franco para salientar quanto o moderno Balneário poderá representar para o progresso de Tavira e do turismo algarvio e pôs em relevo o facto do Hospital de Tavira ter sido, quando dos primórdios da sua actividade, o primeiro Hospital Ultramarino que existiu em Portugal e talvez no Mundo, o que é um honroso pergaminho para a velha e nobre cidade. O sr. Silvério Pilar, também usou da palavra para agradecer a acção da Direcção cessante e fazendo votos pelas prosperidades dos empossados.

No átrio do Hospital esteve patente ao público uma excelente exposição das obras de Silva Carvalho, que legara à casa que foi sempre alvo do seu interesse — a Misericórdia de Tavira.

Futebol Corporativo

É o segundo ano que se disputa na nossa provincia o Campeonato Corporativo de Futebol, organização da F.N.A.T.

Na zona de Sotavento comanda a classificação a Casa do Povo da Luz de Tavira com 8 pontos, (tendo ganho todos os jogos) seguida da Casa do Povo da Conceição de Faro, com 4, Casa do Povo de Estol, com 3 e Casa do Povo da Conceição de Tavira, com 1.

Os dois primeiros classificados de cada zona disputarão entre si, para apurar o representante do Algarve.

Campeonato Distrital da F.N.A.T.

No passado domingo realizou-se o jogo da 2.ª volta entre as duas Casas do Povo concorrentes do nosso concelho, Conceição e Luz. A equipa da Luz com melhor sentido prático de jogo, não teve dificuldade em fazer o resultado de 4-1 e assim continuar a contar por vitórias todos os jogos realizados neste campeonato.

O VOO DAS AVES

O sr. José António da Silva Puga, apanhou uma ave que trazia uma anilha com as seguintes inscrições: Inform - Brit Museum London - SW 7 - AJ 74307

Parque Municipal

(Continuação da 1.ª página)

nas suas dimensões, foi mandado de facto edificar pelo poeta Isidoro Pires, quando presidente da Câmara de Tavira, por aproveitamento do velho quintal do Palácio da Galeria, que servia de sentina pública a quantos iam ao Tribunal ou às repartições então ali existentes e tivessem que satisfazer certas necessidades.

Com o mingado erário municipal a obra fez-se e atingiu-se o objectivo que era além de acabar com aquele escandaloso escurro, servir de recinto vedado, destinado a festas, cujos proventos resultariam para a manutenção da Banda Municipal — obra que se impunha dada a sua necessidade e sobretudo para que continuassem as velhas tradições musicais, de que a cidade sempre se orgulhou.

Embora um pouco distante do centro da cidade, a verdade é que outrora ali acorreram muitos milhares de pessoas durante a época de verão, atraídas pelos festivais que então se realizavam Assim, a Banda conseguiu melhorar a sua precária situação financeira, arranjou-se verba para a compra de novos fardamentos e algum instrumental.

Nem sempre os homens que representam o município pensam da mesma maneira e a coisa começou a desvirtuar-se consentindo que entidade particular explorasse o recinto, para cinema, muito embora se discesse, ignoramos se assim se procedeu, que a verba resultante desse aluguer revertesse para o fundo da Banda.

Mais ou menos embelezado com interessantes repuxos nos lagos e vistosa iluminação, serviu de cenário a magníficas e interessantes festas, pois era o único recinto vedado da cidade.

Eis que surge a Escola Técnica, que a nosso ver foi até hoje a mais importante realização no concelho, que custou muito trabalho e porfiada luta, e então novos rumos surgiram.

Foi sempre sina desta cidade que, quando surge qualquer melhoramento implicitamente anula outro e citaremos para exemplo, a construção do novo edifício dos C.T.T., que podia ser uma construção nova e foi ocupar um prédio da extinta Tavira Mercantil, que poderia servir para outro fim tal como aconteceu com o edifício da Caixa Geral de Depósitos que extinguiu o lindo imóvel da Escola Jara.

Assim a Escola Técnica eliminou o Parque Municipal e porque?

Ora aqui é que está o busilão.

Dizem-nos que há escolas técnicas em Lisboa que dispõem de pequenos recintos para recreio dos alunos, porém, à mingua de edifício para a sua adaptação, foi uma luta verdadeiramente titânica que se desenrolou para se conseguir desalojar o velho palácio da galeria para a sua adaptação visto que ali funcionavam várias repartições do Estado.

A resolução do complicado problema deve-se a uma conjugação de boas vontades e à extraordinária acção desenvolvida pelo presidente do município.

Bem sabemos que naquele edifício funcionaram sempre as escolas primárias e que o número de alunos era superior àquele com que a Escola Técnica conta actualmente e apesar disso o Parque nunca foi vedado ao público, mas, o ensino secundário obedece a outras directrizes que não é oportuno discutir.

Compreende-se que o melhor seria conservar o Parque pois, segundo nos informaram, é de crer que durante as férias grandes, o Ministério da Educação Nacional, poderia autorizar o seu funcionamento para fins de utilidade pública ou de beneficência.

Está planeada a construção de um edifício próprio para a Escola porém, em virtude do problema de Angola, terá que se aguardar a sua execução.

Aqui tem, amigo e senhor eng. Reis Cunha, o que muito ao de leve se nos oferece dizer sobre o Parque Municipal e, parece-nos, que algo poderá orientar o seu espírito sobre as razões da causa da vedação a que se refere.

De facto ele é um dos recantos indicados para o rotelero turístico mas, entretanto, é como diz, não tem outro remédio senão continuar a espreitar pelo buraco da fechadura.

Maria Cândida de Sousa Marques Picoito Missa do 30.º Dia

Por alma de Maria Cândida de Sousa Marques Picoito, será celebrada missa na igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira, pelas 11 horas do dia 28 de Janeiro de 1965, mandada dizer por seu marido Quinto Gago Picoito e sua família, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.

Onde estás que não te vejo!

(Continua na 2.ª página)

ção, é esmaltado de exemplos e citações. Um estudante revoltado-se porque o jazz não é permitido na U.R.S.S. e é obrigado a assistir a programas de sinfonias intermináveis e monótonas, e concertos de música de câmara judaica.

Um jovem antimilitarista, declara: os nossos tiozinhos militares consideram que o inimigo do nosso país é o G.I. (soldado americano). Pois bem, eu não quero a guerra. Recuso-me a matar homens que nunca me fizeram mal algum. Já passou o tempo — afirma outro rapaz — em que se sonhava com os porvires que cantam. A hora desses tempos felizes deve soar hoje mesmo. Uma rapariga que vive nos arredores de Moscovo, escreve: a maior aspiração duma rapariga é fazer casamento feliz. Eu sou forçada a trabalhar num laboratório, unicamente para não ser acusada de parasitismo.

Cinicos, a bem dizer analfabetos, todos estes jovens nasceram para viver descansados e entrar no paraíso numa limousine emprestada, é a conclusão da Komsomolskaya Pravda. — (F.P.).

Ora depois de se ter lido esta local, já se não ficará com a ideia que a mocidade naquele país, será livre como a nossa. Comentários não serão necessários. Pois para bom entendedor, meia palavra basta.

Também, e por vezes se ouve dizer, que a Rússia é o país que dá cartas no capítulo dos Sputnicks. Ora já que estamos com a mão na massa, gostaremos de mostrar ao leitor o que sobre tal facto já se disse. Não somos nós que falamos mas nós que transcrevemos. Assim, não ficarão dúvidas. É sempre bom, ver e crer como São Tomé. — «Caça aos cientistas alemães, mercenários do Século XX. — No dia em que os americanos tiveram conhecimento de que um Sputnik voava sobre as suas cabeças, muitos empalideceram. A ideia de que os cientistas alemães sejam uma espécie de mercenários do Seculo XX, que oferecem os seus serviços a quem quer que deseje fabricar engenhos nucleares ou mísseis, foi consolidada pela recente notícia de que Nasser possuiria também a bomba atómica. Tal informação foi fornecida a um jornal inglês, por um engenheiro alemão, que teria trabalhado no fabrico de tal bomba. A notícia, causou sensação, mas chegou-se à conclusão que Nasser não está ainda em condições de fabricar tal bomba. Que há de verdade a respeito da imagem que o Mundo criou dos cientistas alemães? Há certamente centenas deles deslocados em muitas partes do Mundo — israelitas emigrados em 1930 ou formados durante o «reino» de Hitler e saídos depois da guerra. A maior emigração começou em Maio de 1945 logo após a queda de Hitler. Os americanos convidaram cento e vinte destes cientistas a visitar os Estados Unidos, ao cabo de longos interrogatórios. Os soviéticos, «transferiram» duzentos, além de cinco mil engenheiros e técnicos. Todos tinham de comum o haverem trabalhado mais ou menos tempo no centro de pesquisas de Peenemunde. A maior parte dos cientistas, uma vez na América, naturalizaram-se. Foi o que fez Werner von Braun, que é uma autoridade máxima no campo dos mísseis. Hsrman Oberth, o avô dos foguetões e professor de Braun, regressou à Alemanha, após um violento litígio com o seu aluno. O cientista deste género, considerado o mais importante, era Walter Dornberger, que foi director do Peenemunde. Recentemente os russos afirmaram, que todos os seus cientistas alemães,

haviam regressado à Alemanha. Talvez em parte seja verdade. Mas não há, por exemplo, notícias de Max Valmer, de Manfred von Ardenne e de Peter Thiessen. Sabe-se, ao contrário que Gustav Hertz, o prémio Nobel da Física, que descobriu um método para separar o Urânio 235 e 238, está na Rússia e que com ele trabalha Helmut Grottrup que em Peenemunde era chefe do departamento de controle e guia de mísseis. Também a França tem um cientista alemão, Helmut von Zborowski, que trabalhou nas fábricas Messerschmit e BMW. Na Inglaterra encontram-se, como refugiados, de antes da guerra como professores, Peirls, Otto Frisch e Max Perutz. Um dos que, capturado pelos ingleses, foi convidado a colaborar, é o professor Otto Hahn, considerado o pai da física nuclear alemã. A maioria dos cientistas livres encontram-se hoje no Egipto. O primeiro que ali chegou foi W Voss, em 1953, seguido por Eugen Saenger, já falecido e que recebia de Nasser, um ordenado de 40 mil libras esterlinas. A este seguiu-se W Pilsz que depois de trabalhar em Peenemunde, desenhou o foguetão Veronique para os franceses. Parece que foi este quem projectou o foguetão de Nasser. No Cairo trabalha também Ferdinand Brodner, ex-oficial das SS que teria desenhado o motor de turbina do TV 114 russo. Não há dúvida que existe uma autêntica atmosfera de mistério em volta destes cientistas. O dr. H. Krug desapareceu misteriosamente em Munique, em 1962, pensa-se que tivesse sido raptado pelos israelitas. H. Kleinwaechter, que trabalhou para Israel, correu o risco, há dois anos, de ser raptado por desconhecidos na Alemanha. Resumindo, ser hoje cientista alemão é muito arriscado, apesar das honras recebidas compensarem bem tal risco.»

Como acima dissemos, nada desejamos comentar. O leitor que é amigo, lê e medita, chegando certamente à conclusão que nós desejamos, Milagres, só Deus! E quanto a paraísos, está bem, deixa, como diz o compadre alentejano.

ATENÇÃO

Ver para Crer

Para todos os seus Ex.ªs Clientes e Revendedores a

COMPETIDORA

DE José Augusto Neves

tem à disposição grande existência de lanifícios, pretos, azuis e cores, adquiridos ultimamente nas melhores condições. Os preços beneficiam de 40 a 50%, do justo valor da mercadoria. Compre na

COMPETIDORA

Praça da República, 16 - Telef. 149 TAVIRA

TOTOBOLA

20.ª jornada 24/1/965

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Portugal — Turquia	1
2	Avintes — Freixo	1
3	Progresso — Vilanova	2
4	Tirsense — Amaran	1
5	Anadia — Alba	2
6	N. Soure — Marialvas	x
7	Caparica — Ginás Sul	1
8	A. Bilbau — Sacagoga	x
9	Córdova — Las Palmas	x
10	Múrcia — Barcelona	2
11	Corunha — A. Madrid	2
12	Levante — Bétis	1
13	Sevilha — Valência	x

Jorge Cruz

O primeiro C. I. S. M. de Tavira

(Continuação da 1.ª página)

for e colocado em Lagos, depois de vinte e um anos de capitão farenses, mais ou menos no activo. Embora a escolha não devesse ter sido difícil por carência de pretendentes, não escondo que «meti um empenho», o do general Pires Franco, que nessa e noutras conjunturas me deu tais provas de amizade que eu não sei evocar a sua memória com palavras próprias para o meu reconhecimento.

Fomos requisitados para directores dos Centros eu e o meu condiscípulo, Aníbal Bessa, do Porto, que às artes da Milícia juntara as da Medicina. Apresentámo-nos na Direcção da Arma e atendeu-nos, como especialmente encarregado de tratar do nosso assunto, o nosso camarada da Escola, então major e depois general, Pinto Monteiro, oficial cujos altos méritos pessoais e profissionais eram realçados pela sua modéstia.

Quando inquirimos do Pinto Monteiro o que tínhamos de fazer para cumprir a nossa missão, visto que nada estava escrito sobre a orgânica dos Centros ou regulamentação da instrução que neles se devia administrar, disse-nos ele que o nosso trabalho tinha de começar precisamente por imaginar o que se havia de fazer. Não tinha havido oportunidade para as «estações competentes» esboçarem qualquer plano ou programa.

Inventámos, então, o Bessa e eu, a uma mesa do café Portugal, que era o único de Lisboa onde naqueles tórridos dias de Agosto se podia gozar dos benefícios térmicos do ar condicionado, o que haviam de ser os nossos Centros, o dele, por sinal, com bastante mais rapazes que o meu.

Entregues os projectos na Direcção da Arma e reexpedidos, nós e eles, para o então ainda Ministério da Guerra, mandaram-nos embora, a aguardar as decisões superiores, o Bessa para Penafiel e eu para Tavira. O Bessa deparou com as salas e camaratas do seu quartel absolutamente nuas. Eu vim encontrar um quartel completamente apetrechado para o efeito e tudo na melhor ordem. Depois de saída de Tavira o regimento, ficara a chefiar o Depósito o então ainda capitão, Vitorino Corvo. Também devo registar aqui, com muito reconhecimento, o que lhe fiquei devendo pelo excelente convívio que tive com ele então e, ainda mais, em outras funções em que, mais tarde, tive a sorte de o ter por companheiro.

No meu caminho como Director do Centro não encontrei só rosas. Por exemplo, já os rapazes estavam a apresentar-se nos princípios de Outubro e eu ainda não contava, para os receber e tratar da sua administração e instrução, senão com um capitão, chegado dois ou três dias antes. Nessa noite gemeram os fios do telegrafo e a partir do dia seguinte começaram então a desembarcar oficiais, uns, que eu indicara, e outros que foram apanhados de surpresa porque estavam de folga nas escalas das unidades da 4.ª Região. Tive com isso bastante sorte, mas também algum azar.

No entanto, ainda hoje considero os meses em que dirigi o Centro como dos mais gratos da minha carreira militar, que foi muito modesta. Em boa verdade, as dificuldades não foram muitas. No 2.º ciclo da instrução, quando se lidava apenas com os infantes, os instrutores andavam à roda de centena e meia. O armamento não era muito variado e a tática não era muito complicada. Tinham de aprender a ser telegrafistas, sapadores e amanuenses, o que não significava, em geral, esforço

extraordinário. Mas, em compensação, os transportes da infantaria ainda não eram rápidos e os rapazes tinham de haver-se com o trato dos garanos, o que para alguns foi causa de pesadelos e, para outros, de sonhos.

No 2.º ciclo o número dos instrutores oficiais e sargentos foi também reduzido e constituíram, de facto, um grupêlo, cuja cooperação não posso recordar sem viva gratidão, tanto mais que, no fim de contas, fui eu o louvado pelo trabalho que eles tiveram. Não é injustiça destacar o comandante da companhia de instrutores, o cap. Carlos Quintino, meu velho amigo do liceu, a quem a saúde, infelizmente, não consentiu prosseguir na carreira da tropa. Na disposição e na forma como acolhia e resolvia as pretensões dos «cadetes» conjugava uma admirável habilidade de trato com uma extraordinária variedade de expressões verbais, mas, sobretudo, com um sentido impecável de justiça, que será sempre a base duma verdadeira disciplina.

No inverno de 1941 a cidade e o quartel foram açoitados, algumas horas, por um violento ciclone. Causou estragos, mas não desastres, e, como não fôra anunciado, não deu lugar a extraordinárias preocupações. Sucedeu o contrário com outro fenómeno menos meteorológico mas mais revulsivo.

A instrução do Centro foi inspeccionada, no 1.º e no 2.º ciclos, como era regra nesse tempo, pelo Inspector da 4.ª R. M., o então brigadeiro Santos Correia, que eu procurei tomar por modelo quando me vi investido de funções iguais, tão fortemente me impressionou a sua acção e tão próprios os seus comentários nas inspecções que o vi fazer em Tavira e em Lagos. Além dessas inspecções tive outra, extraordinária, essa, em toda a acepção do termo. Foi anunciado que o Centro seria inspeccionado pelo Major General do Exército, superior entidade militar, depois suprimida. A profundidade e o rigor das inspecções do general Pereira dos Santos tinha assustadora fama desde o seu tempo de brigadeiro, e com alguma razão porque era um mestre muito autorizado nas artes bélicas daquele tempo. Como se fôsse pouco isso para me dar preocupações, acompanhava-o o comandante da Região, o general Luís Sampaio, a quem a situação ambígua do Centro, dependente, para umas coisas, da Direcção da Arma, e, para outras, do Comando da Região, lhe era notoriamente antipática, e eu já me sentira entalado nessa engrenagem, se bem que na altura a minha posição já fôsse de reconhecido à sua amabilidade.

Formou a companhia de instrução para prestar as devidas honras e, quando o Major General, ao iniciar a revista, ordenou que se tocasse uma «marcha de guerra», pode calcular-se a minha cara e a do único e pouco musical corneteiro que formara com a companhia. Lembro-me sempre deste mau bocado quando, às quintas-feitas, vejo e oiço o desfile garboso e sonoro da banda do Centro, único esteio actual das antigas e honrosas tradições de Tavira como centro de música castrense.

Felizmente, os rapazes, mais desentusados que o seu comandante, «não cortaram prego» e deram um grande brilhantismo no que fizeram e no que disseram. Lembro-me bem de que um deles obteve um êxito marcado pela forma realista como interpretou as funções, em que fôra investido para efeitos de prova, de instrutor dos camaradas.

Pouco depois de acabarem o curso quase todos foram mo-

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Estela Lemcs Soares de Matos, D. Virginia Amélia Guimarães Chaves Ramos, D. Adélia dos Prazeres Pereira Padinha e o menino José Francisco do Livramento.

Em 18 — D. Maria José da Palma Gonçalves, D. Maria Francisca Negrão Cabrita Gomes, D. Rita da Conceição Mendonça meninas Maria Luísa do Livramento Maco, Maria Ilda Martins do Nascimento, Maria Justina Nascimento Corvo e os srs. José Leonardo Nogueira, Eduardo Leonardo Galhardo, António Vasco, e os meninos José do Nascimento Dias e António Manuel Paulos Costa Dias.

Em 19 — D. Maria Olinda Costa Trindade, D. Aline de Moura Guerreiro Vaz, D. Maria da Graça Mil Homens Barreiros dos Reis, D. Maria Angelina Viegas, D. Maria Luísa da Conceição Trindade e Mendonça, menina Maria Luísa Pires Modesto e os srs. José Manuel Padinha e Vitorino Francisco Pires.

Em 20 — Menina Maria Beatriz Henrique Mestre e os srs. Sebastião José Dias e Sebastião Baptista Leiria.

Em 21 — D. Lucília Inês Mateus d'Arújo Oliveira, meninas Maria da Encarnação Galhardo Cardoso, Maria Luísa Lopes de Figueiredo Marques, Maria Eugénia Ilda Albino Lopes, menino António Manuel Rodrigues de Carvalho e o sr. Luís José Ribeiro de Jesus.

Em 22 — D. Maria Luísa Viegas Ventura, D. Isabel das Chagas Oliveira, D. Maria dos Mártires Flor da Rosa Gaspar, D. Custódia de Jesus, menina Isabel Maria Lopes Figueiredo Marques, menino António Vicente da Cruz e os srs. Mário Vicente Correia dos Santos António Vicente Madeira da Cruz.

Em 23 — D. Maria Beblana Ferreira Leiria Azinheira, meninas Maria da Graça Lopes Rodrigues, Maria Margarida Magro de Mendonça, meninos Osvaldo Cordeiro Fernandes José, António Manuel, Carvalho Bispo e os srs. João Corvo Domingos e Orlando José Lata.

Batismo

No passado dia 4 do corrente, realizou-se na paróquia de S. Tiago, desta cidade, o baptismo de um filhinho do sr. António Tomás Viegas e da sr.ª D. Maria de Lourdes Lagões Viegas.

O neófito que recebeu o nome de Tomás António Lagões Viegas, foi apadrinhado pela sr.ª D. Maria Joana Marques, e pelo sr. Jorge Santos.

Quem Perdeu?

Encontram-se no Posto da Polícia de Segurança Pública desta cidade, vários objectos que foram achados, entre eles uma pulseira em ouro de grande valor, que se entrega a quem provar pertencer-lhe.



Maria Apolinária Pires

Missa do Trigesimo Dia

No dia 24 de Janeiro de 1965, pelas 11 horas, na Igreja de Santa Maria do Castelo, desta cidade, será celebrada missa por alma de Maria Apolinária Pires, viúva de José Bernardino de Mendonça, mandada rezar por Josefa da Conceição Nunes de Mendonça e seu filho.

VENDEM-SE

Duas moradas de casas em estado novo.
Nesta Redacção se informa.

Café Veneza

TAVIRA

Arrenda-se, ou trespasa-se, em troca por propriedade.

bilizados e destacados, já como furréis, para os Açores e para a África. Pelas informações que colhi, fui levado a crer que deram boa conta de si, do que concluí, com pouca modéstia, que eu também tinha dado boa conta de mim.

Quando fui convidado para repetir a façanha no ano seguinte já a boa sorte me bafegara de outra maneira: o gen. Pires Franco chamara-me para Lisboa,



Cachopo

Necrologia — Com 62 anos de idade, quase repentinamente, faleceu no dia 28 de Dezembro, na sua residência, (Casal dos Cucos), o sr. Manuel Inácio Varela, 1.º cabo reformado da nossa Marinha de Guerra, deixa viúva a sr.ª D. Maria do Céu São João Ferreira Varela, professora oficial, aposentada, pai do sr. Rui dos Reis Varela, funcionário da E.N., sogro da sr.ª D. Maria Constantina Varela e avô do menino Fernando Manuel dos Reis Varela, padrao do sr. Nelson do Sul Ferreira, empregado industrial e irmão da sr.ª D. Emelinda da Conceição Varela Ribeiro, residente em Olhão e do sr. António Inácio Varela, Guarda Fiscal, reformado, residente em Faro.

O estinto, que gozava de gerais simpatias, quer como devotado bairrista da sua terra, quer pelas qualidades que o caracterizavam, a sua morte foi bastante sentida, não só pelos seus familiares, como por todos aqueles que com ele privavam, e o funeral que se realizou no dia seguinte, foi uma verdadeira manifestação de pesar. A família enlutada, apresenta-nos sentidas condolências.

Duas importantes verbas — Chegamos aqui a notícia de que a Câmara Municipal não se esqueceu mais uma vez desta distante como enfraquecida freguesia de Cachopo, conseguindo duas importantes verbas, uma de 150 contos para a completa ligação da estrada vicinal de ligação a Tavira, e outra de 40 contos para o calçamento de algumas ruas da aldeia.

A nossa tal almejada aspiração, virá ajudar a resolver da forma mais económica os muitos problemas que sempre surgem entre os moradores da freguesia e a sede

Informações Fiscais

Contribuição Industrial - Grupos A e B — Até 31 deste mês, verifica-se o pagamento da liquidação provisória dos contribuintes destes 2 grupos. Se a importância do conhecimento exceder 200\$00, será paga em 2 prestações. A 1.ª em Janeiro e a 2.ª em Julho.

Pela Imprensa

A Voz de Loulé

Entrou no seu XIII ano de publicação este nosso prezado colega, órgão defensor dos interesses do vasto e importante concelho de Loulé, que é inteligentemente dirigido pelos nossos amigos srs. Dr. Jaime Guerreiro Rua, seu ilustre Director e José Maria da Piedade Barros, chefe da Redacção, editor e proprietário.

Felicitemos o seu corpo redactorial e fazemos votos, pelas prosperidades de «A Voz de Loulé».

Vendem-se

Oliveiras, árvores fortes e bem enraizadas.

Tratar com Joaquim Afonso — Amaro Gonçalves

Agradecimento

D. Rita Vaz Derruba

A família agradece reconhecida a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la á sua última morada e bem assim ás que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

do concelho, e por tal não devemos esquecer a acção dispendida pelo sr. Dr. Jorge Correia, que tão bem tem sabido interpretar as nossas legítimas aspirações. — C.

COMUNICADO

VIVEIROS DO FALCÃO — Empresa de Agricultura e Jardinagem Lda. participa aos seus estimados clientes algarvios que, para melhor e mais rapidamente servir a zona Sotavento do Algarve, acaba de nomear seu agente vendedor para o concelho de Vila Real de Santo António, o sr. Manuel António Feliciano — Telef. 67 e 72 - Cevadelras — Vila Nova de Cacela, onde podem obter todos os produtos e esclarecimentos.

MILHOS HIBRIDOS — ARVORES DE FRUTO — EQUIPAMENTOS DE REGA POR ASPERSÃO Rainbird (California - USA)

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Tavira

Convocação da Assembleia Geral

Nos termos do artigo 32.º dos Estatutos desta Caixa, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o dia 19 de Janeiro, pelas 17 horas, na sede da Caixa. Não havendo número legal para a Assembleia funcionar, fica desde já convocada para 28 do mesmo mês, sem outro aviso, para a mesma hora e no mesmo local.

Assuntos a tratar:

- Discussão e votação do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal;
- Eleição de novos Corpos Gerentes;
- Alteração dos Estatutos.

Tavira, 4 de Janeiro de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral

Manuel dos Santos Prado



A Vossa hernia

Deixará de vos preocupar!...

MYOPLASTIC KLÉBER é um método moderno incomparável. Sem mola e sem pelota, este verdadeiro músculo de socorro reforça a parede abdominal e mantém os órgãos no seu lugar.

«como se fosse Com as mãos»

Bem estar e vigor, são obtidos com o seu uso. Poderéis retomar a Vossa habitual actividade. Milhares de herniados, usam MYOPLASTIC em 10 países da Europa (da Finlândia a Portugal). As aplicações são feitas pelas Agências do

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON (França)

Poderéis efectuar um ensaio, completamente gratuito em qualquer das Farmácias abaixo indicadas:

Tavira — Farmácia Eduardo Felix Franco - Dia 20 de Janeiro, só de manhã

Portimão — Farmácia Carvalho - Dia 18 de Janeiro

Faro — Farmácia Higiene - Rua Ivens, 22 - Dia 19 de Janeiro

Vila Real de S. António — Farmácia Silva - Dia 20 de Janeiro, só de tarde

Durante o intervalo das visitas do Aplicador, as Farmácias Depositárias poderão atender todos aqueles que se lhes dirigiam para adquirir cintas.

(Continuação da 1.ª página)

16 horas — A Praça Zacarias Guerreiro encontrava-se emoludada de gente; Presentes, as mais destacadas autoridades e entidades tavienses, vendo-se nomeadamente o representante do Governador Civil de Faro, sr. Dr. Jorge Correia, deputado da Assembleia Nacional e sr. Major Joaquim Francisco Rijo Cardeira da Silva, ilustre comandante do C.I.S. M.I., em representação do nosso Exército, os novos e os cesantes dirigentes da Misericórdia de Tavira, órgãos da imprensa regionalista, representados pelo director do «Correio do Sul», e pelo nosso director, e ainda representantes dos órgãos informativos diários e TV.

Aberta a sessão, o menino Gonçalo Maria, sobrinho bisneto do homenageado, descerrou o seu busto, acto que foi coroado de uma calorosa salva de palmas, enquanto pelos ares se escutavam os acordes solenes do Hino da Cidade, executado pela Banda de Tavira. Em seguida, foi lida a acta descritiva daquele momento solene para a gratidão dos tavienses, após o que foi também lido um sensibilizante officio de associação à homenagem prestada, da Academia das Ciências, de que o prof. Silva Carvalho fez parte. Lembremo-nos, na altura, de um facto que para não ficar no olvido, aqui registamos: o da homenagem feita a aquele insigne taviense a 13 de Dezembro de 1961 em que o ilustre presidente de então, daquela instituição científica, prof. dr. Moisés Amzalac, lembrou que aquele inédito taviense, apesar de ser de família modesta, pertencia à estirpe dos Herculanos, Gama, Barros, Braamcamp, Freire e Sousa Viterbo.

Ao iniciar a série de discursos, falou em primeiro lugar o sr. José Emídio Fernandes Sotero, incansável obreiro da Misericórdia de Tavira nos últimos seis anos.

Começou por referir-se que a presente homenagem era um dever que se impunha ao maior benemérito da Misericórdia. Deu as boas vindas a todos os presentes, agradeceu a anuência ao convite feito ao dedicado director do «Correio do Sul» para ser o orador oficial da sessão e, em nome da direcção cessante, exprimiu a sua gratidão e o seu reconhecimento ao sr. dr. Jorge Correia, pelo apoio à iniciativa dada pelo município da sua ilustre presidência.

Afirmando estar Tavira agradecida, fez o sr. José Emídio Sotero uma interessante alusão ao facto de o busto de Silva Carvalho estar entre as mimosas flores do jardim de S. Francisco, do jardim que já jamais esqueceu ao longo dos seus 96 anos de existência, e junto ao qual se encontra a casa a que o trabalho da sua vida deu mais conforto, nomeadamente às enfermarias.

Seguidamente, cumprimentou a Ex.ª sr.ª D. Maria do Carmo Beires Junqueira, representante da família de Silva Carvalho, o dr. Ascensão Contreiras, ilustre taviense e amigo pessoal do homenageado e ainda estendeu esses cumprimentos ao dr. Lyster Franco e Virgínio Pires, nosso estimado director, a quem, escritor e poeta, cognominou de dignos paladinos da Imprensa; ao talentoso escultor José Manuel da Costa Maurício, autor do busto descerrado, enfim, a todas as demais entidades e pessoas presentes.

No final das suas palavras, que foram coroadas com uma quente ovação, ouviu-se novamente o Hino de Tavira.

O nosso director também esteve presente na homenagem com um expressivo soneto, o que aliás foi realçado quando o sr. dr. Jorge Correia usou da palavra, comentando a frase «agosto», que se encontra no

último verso ser uma «expressão felicíssima» — disse.

O poema «In Memoriam» recitado pelo nosso director da-mos à estampa noutra local do nosso jornal.

Depois, proferiu brilhante discurso o orador oficial, distinto Homem de Letras e jornalista de garra, sr. dr. Mário Lyster Franco, que começou por dizer nomeadamente: Esta simpática cidade de Tavira, com sua acção municipal exercida inteligentemente, pelo sr. Dr. Jorge Correia, presta homenagem a um dos seus filhos e vive uma das horas mais gratas da sua vida — a de perpetuar no bronze e no mármore uma figura que é um dos maiores beneméritos — o prof. dr. Silva Carvalho. Depois agradeceu a deferência de o terem escolhido para usar da palavra e, assim, estar mais uma vez entre o povo de Tavira, pois já aqui viera para inaugurar a lápide do prof. Tomás Cabreira, na homenagem prestada ao poeta Emiliano da Costa, na inauguração do monumento a Isidoro Pires e na lápide ao dr. Coelho de Carvalho, esperando em breve vir descerrar o medalhão do maestro prof. dr. Eduardo Pavia de Magalhães. Afirmou, seguidamente, que como admirador do homenageado, sentia-se com dever de dizer alguma coisa com mais profundidade do muito que dele já se tem dito, referiu-se ao facto de Silva Carvalho, vida fora, ter doado



O novo Provedor da Misericórdia sr. Eng.º Agrónomo José Francisco Pereira da Assunção, pronunciando o seu discurso

não só grande parte dos seus cabedais juntos pelo seu esforço pessoal, mas também os seus objectos pessoais, como muitos dos seus livros, à Misericórdia de Tavira, os quais lhe dão uma projecção nacional e internacional. Como conhecedor da sua vida e obra, disse que Silva Carvalho era considerado como um dos mais completos, mais perfeitos e mais proficuos homens de ciência do nosso País, bastando para isso volver os olhos para as inúmeras obras publicadas — cerca de 200 volumes legadas aos vin-

As reportagens fotográficas da festa de homenagem ao prof. Doutor Silva Carvalho e do acto de posse da nova Mesa da Misericórdia de Tavira, são da «Foto Andrade», desta cidade.

douros, bastando para isso os cargos por ele ocupados — inspector de saúde, auxiliar da rainha D. Amélia na assistência aos tuberculosos, presidente de várias associações científicas, representante de Portugal no estrangeiro em importantes reuniões em que figuraram nomes imorredouros da Medicina — bastando para isso, finalmente, o prestígio alcançado pela Misericórdia de Tavira, ao qual contribuiu muito o seu esforço e dedicação.

Encerrando o seu belo discurso, o dr. Lyster Franco cognominou de justíssima a homenagem prestada pelos tavienses àquele que podem muito bem considerar um dos seus maiores mecenas.

Em seguida tomou a palavra o sr. dr. Ascensão Contreiras, taviense ilustre e distinto mé-

(Continua na 2.ª página)

SEMANÁRIO REGIONALISTA

O Rancho Folclórico da Casa do Povo de St. Estêvão alcançou brilhantemente o 3.º Prémio no 3.º Festival Folclórico no Pavilhão dos Desportos

Cerca das 2 horas da madrugada do passado dia 11 do corrente, uma grandiosa salva de foguetes e morteiros anunciava o regresso de Lisboa, do rancho folclórico da Casa do Povo de St.º Estêvão, que ali alcançou um 3.º lugar em com-

Cinema Santo António FARO

Hoje, de tarde e à noite, *Escravos do Império*, com Jeffrey Hunter e Mylene Demongeot, 12 anos.
Segunda feira, *A porta das 7 fechaduras e Salambo*, 12 anos.
Terça feira, *Ódio no Sangue e Cartouche*, com Claudia Cardinale 12 anos.
Quarta feira, em espectáculo elegante em cinematocope e technicolor, *Afasta-te Querida*, com Doris Day e Janco Garner, 17 anos.
Quinta feira, *Escuro no cimo da Escada*, (colorido) e *Garota apimentada*, 12 anos.
Sexta feira, *Tólo e Pepino em Berlim e Maciste contra o Ciclope*, (colorido), 12 anos.
Sábado, em matinée e soirée, *Ruivas, Loiras e Morenas*, e *O Capitão Morgan*, (ambos coloridos), 12 anos.
Domingo, 24, *Os 7 gladiadores*, de tarde e à noite.
Nos dias 30 e 31, em 4 sessões, o novo filme colorido de Sara Montiel, *O Samba do Amor*, 12 anos.

petição com onze agrupamentos congéneres de todas as províncias de Portugal, classificação que muito honra não só o distinto ensaiador do valoroso grupo, sr. Ventura Fernandes Marques como também os componentes do mesmo e a Casa do Povo de St.º Estêvão.

Agora mais dois valiosos trofeus, para juntar a tantos outros que a Casa do Povo desta freguesia tão orgulhosamente ostenta:

Taça — Serafim Gonçalves, 3.º prémio do 3.º Festival de Folclore Nacional, em 9/1/65, e Taça — Algarve do 3.º Festival Folclore Nacional, 1.º classificado em 1964/65.

Estamos certos de que essa noite inolvidável do Pavilhão dos Desportos da capital, já-mais se apagará na memória dos briosos rapazes e raparigas do rancho de St.º Estêvão.

Daqui endereçamos a todos os que nele participam, as nossas felicitações e os melhores votos pelas suas prosperidades.



Temos vindo a verificar que as ruas da cidade quando se apresentam menos limpas isso é devido não sómente à falta que porventura tenha havido dos Serviços mas em especial por duas razões: Pelos estragos causados pelos cães que esfalmados abrem os mais inconcebíveis e impróprios recipientes ou da falta de atenção dos empregados das casas comerciais e outras pessoas que deitam para a rua aquilo que deveriam deitar em caixotes.

A cidade é relativamente grande e para o pessoal que há é impossível manter o asseio das ruas se a população não colaborar.

A Câmara recomenda e pede o obséquio a todas as donas de casa e proprietários de estabelecimentos comerciais o favor de arranjar recipientes decentes e fechados de maneira a evitar-se o espectáculo que até agora nos tem sido dado observar.

É evidente que a Câmara poderá deliberar nesse sentido e até arranjar um tipo de recipiente se a isso a forçar a má compreensão das pessoas a quem nos dirigimos. Achamos porém que já vai sendo tempo de não andarmos direitos apenas coercivamente.

Direccção do «Povo Algarvio»

A brilhante classificação do Rancho Folclórico de Santo Estêvão

Uma entrevista oportuna com o DR. CARLOS PICOITO, que assistiu à exibição

Ao sabermos que o nosso prezado amigo e colaborador sr. Dr. Carlos Picoito, assistiu ao festival, achamos que seria interessante entrevistá-lo, a propósito do 3.º prémio conquistado pelo Rancho Folclórico da Casa do Povo da sua terra natal.

E assim, com aquela familiaridade que sempre mantivemos, entabulámos a conversa:

— Como decorreu o III Festival de Folclore Português, realizado no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa? Assististe a ele?

— Começo por lhe dizer que assisti a esse Festival.

Circunstâncias de ordem profissional obrigaram-me a permanecer em Lisboa durante os dias de quinta feira, sexta feira e de sábado. Por isso, em vez de regressar neste último dia, ao Algarve, optei por ir ao Pavilhão, para regressar à nossa terra, no domingo imediato. Seria domingo, e por ser domingo... nada tinha ou teria a ocupar-me... Ilusão, apenas, de resto...

É necessário dizer-lhe, também, que muitos dias antes, já o meu amigo Ventura Fernandes Marques me havia telefonado, perguntando-me se eu poderia estar no Pavilhão dos Desportos, de Lisboa, em 9 do corrente. A verdade, acima de tudo Respondi-lhe, consultando a agenda, que dado o apontado serviço profissional, poderia estar lá. E foi o que sucedeu. Após esta explicação, afirmo-lhe que o aludido III Grande Festival, sem si mesmo considerado, decorreu muito bem. Todos os agrupamentos foram generosos, abnegados, dando estudo por tudo.

— Mas, Picoito, tu disseste «sem ti mesmo considerado». Ao que queres aludir?

— Indiscreta a pergunta mas simples a resposta, como vai ouvir...

É que houve, antes e durante o Festival, certas discrepâncias que prejudicaram os Grupos, todos eles, a começar pelo de Santo Estêvão de Tavira.

— Discrepâncias, dizes tu. Quais essas discrepâncias?

— Não referirei todas. Referir-me-ei apenas a uma.

A última hora, foi ordenado ao Rancho de Santo Estêvão, e disso tenho conhecimento pessoal e directo, que se exhibisse unicamente em tres números, esclarecendo-se então, e só então, que os números de representação e de despedida não contavam (1) para a classificação. Este esclarecimento foi dado ao nosso Rancho a breves minutos da sua exibição III.

Ora, isto foi desconcertante para quem, «maduramente», organizou e elaborou o seu programa e que, por via de tais ordens e esclarecimentos, teve de o transformar, apressadamente.

— E sobre os Organizadores do Festival, que se te oferece dizer?

— Duma correcção, apromo e atenções inexcusáveis. Por mim e quanto a mim, deixe-me referir-lhe, houve até um dos organiza-

dores, que ao ouvir o meu nome, disse que eu tinha o meu escritório em Faro... próximo do Largo da Madalena. É verdade, como todos sabem. É que ele conhecia Faro e do Algarve era um enamorado, como me confessou.

E quanto ao Rancho de Santo Estêvão e à sua actuação, queres dizer alguma coisa?

Evidentemente que desejo, meu caro sr. Pires,

O Rancho da minha aldeia agradeceu plenamente. Ficou classificado em terceiro lugar, como deve saber, entre os onze ou doze concorrentes. A disputa final... Tanto bastaria.

O «Balle Mandado», mandado por Ventura Fernandes Marques, foi interrompido — interrompido, acentuado — por aplausos veementes e sinceros, em certa passagem da sua execução.

E só lhe digo três coisas;

Primeira: — Que se não fossem as tais «discrepâncias», o Rancho de Santo Estêvão, estou convencido, traria para o Algarve o primeiro prémio.

Segunda: — Que entre o público anónimo, ouvi, eu mesmo também anónimamente, entre esse mesmo público, opinar-se pela classificação primeira do Rancho do Algarve.

Terceira: — Que ao subir, por merecida deferência e amável pedido de Ventura Fernandes Marques, ao palco, para receber as duas Taças — duas repetit — que premiariam o Rancho de Santo Estêvão, fui alvo duma benévola, mas estrondosa, salva de palmas, aplausos que eu, então, agradecendo como me competia, devolvi, por direito, aos organizadores do Festival e aos meus patrícos de Santo Estêvão, dessa aldeia que nessa noite tão elevada foi, «por obra e graça do seu Rancho Folclórico».

E para terminar, uma nota de ternura que eu jamais esquecerei. Eu lhe conta, em breves palavras:

Ao descer do palco, empunhando em ambas as mãos as duas referidas taças, e ao querer entregá-las a Ventura Fernandes Marques, dizendo, como lhe disse, «só suas, a si lhe pertencem», o mesmo Ventura naquele seu costumeado aspecto, mas de lágrimas nos olhos, respondeu-me secamente: — Não sr. Doutor, são nossas.

... E ao mesmo tempo, rapazes e raparigas do Rancho, abraçavam-me, enquanto o público, o público que esgotei, por completo o Pavilhão dos Desportos, ovacionava freneticamente, sinceramente e prolongadamente, a Cena que presenciava.

A finalizar: — Foi noite «lta para Santo Estêvão».

Aos Componentes do Grupo, os meus agradecimentos, o meu homenagem e filho da nossa Terra. A eles, a todos eles, se deve, unicamente, o sucesso. A todos, por isso, BEM NAJAJ!

Agradecemos ao velho e querido amigo sr. Dr. Carlos Picoito a entrevista que se dignou conceder-nos.

Este número foi visado pela Censura